

A Denúncia de Noam Chomsky: A engrenagem mortífera do Neoliberalismo em *O fim do sonho americano* (2015)

Autor: Felipe Cardoso de Souza
Universidade Federal de Campina Grande
E-mail: felipe.cardoso@estudante.ufcg.edu.br

CHOMSKY, Noam. *O fim do sonho americano*. Filme-documentário, 71 minutos, colorido. Dirigido por Peter Hutchison, Kelly Nyks e Jarred P. Scott. PF Pictures: Estados Unidos da América, 2015.

Nascido em 1928, Noam Chomsky é um linguista e filósofo norte-americano e um dos maiores críticos da política interna e externa dos Estados Unidos da América. Atualmente é professor de Linguística no Instituto de Tecnologia de Massachusetts e um dos intelectuais de esquerda mais influentes do mundo.

O trabalho o qual objetivamos resenhar trata-se do filme-documentário *O fim do sonho americano*, em que três diretores norte-americanos reuniram uma série de entrevistas realizadas com Noam Chomsky e as transformaram em um filme-documentário, em que foi dado à sua fala e à sua fisionomia sons, imagens e efeitos que compõem a linguagem e a estética cinematográfica.

Exibido em 2015, o filme trata de uma discussão sobre como a concentração de riqueza e poder nos Estados Unidos para uma pequena elite dividiu a sociedade americana, provocando um declínio da classe média e graves sintomas sociais. Uma das gêneses do problema, para Chomsky, consiste na desigualdade social, em que uma pequena parcela da sociedade possui a maior parte das riquezas e uma maioria esmagadora da sociedade vive nos limites da linha da pobreza.

A pergunta geradora do linguista e filósofo é “como se dá a engrenagem deste problema?”. Chomsky parte das eleições políticas, dispositivo democrático de qualquer Estado democrático de Direito; neste sentido, o problema começa com o financiamento privado dos candidatos a pleitearem uma ocupação pública, sugerindo a ideia de quando se une o público

ao privado. A partir de então, o político que toma posse se insere automaticamente em uma política corporativista, em que os interesses a serem votados e legislados são os interesses dos financiadores da campanha, impactando, inclusive e principalmente, nas leis (dispositivo que subjuga toda a sociedade).

Neste sentido, de forma cumulativa a sociedade vai se desenvolvendo sob essa política corporativista e, junto à essa política, os problemas sociais (o que chamamos de sintomas): A pressão da parte de baixo da sociedade por uma política que atenda às suas necessidades, camada esta que é a grande maioria da sociedade, vítima desta política corporativista que produz e retroalimenta a desigualdade social no país.

A resposta se dá na parte de cima da sociedade: os mais ricos que têm a classe política enquanto guardiões dos seus interesses, que se traduzem em manutenção de poder. Neste sentido, diante de um quadro mais grave de manifestações sociais, o Estado faz uso de um discurso de “excesso de democracia” para usar da força, impressa nas instituições de garantia da lei e da ordem, a exemplo maior da Política Militar e Exército. Este uso da força serve enquanto garantia da manutenção dos interesses dos mais ricos (pequena minoria), e, de controle sobre as camadas mais baixas da sociedade, vítimas deste poder predatório.

Chomsky destaca outro elemento que garante o controle dos mais ricos sobre os mais pobres e a manutenção de poder destes primeiros: o mercado de trabalho, que serve. Neste sentido, a criação de um pseudodiscurso de crise, associado ao desemprego produzido por uma política neoliberal, geram rumores de demissão, produzindo insegurança nos trabalhadores, que tem em mente que pode ser substituído por um “exército” de desempregados e que agora terá que se submeter a quaisquer normas impostas pelo patrão para garantir seu emprego.

O autor defende que este mecanismo favorece o patrão, uma vez que diante destas condições, este pode manipular a faixa salarial e direitos trabalhistas ao seu interesse, controlar carga horária de modo que gere mais lucro para o patrão e, dentro deste contexto, enfraquecer as forças sindicais (o que é característico de um sistema neoliberal). Portanto, o autor começa a esboçar um mecanismo em que a classe patronal vai covardemente subordinando o trabalhador aos seus interesses, tendo como um de seus braços o Estado, que exerce uma relação de poder sobre toda a população.

A respeito das pseudocrises, Chomsky defende que se um dinheiro é injetado em um lugar é porque este saiu de outro. Neste sentido, diante desta engrenagem em que os mais

ricos mandam, o autor sugere pensar sobre a quem o sistema financeiro atende, mas não somente o sistema financeiro, mas este em conjunto aos demais setores públicos que exercem uma relação de força e poder sobre toda a população, do mais rico ao mais pobre.

Estas análises, conforme mencionado, foram feitas sobre os Estados Unidos, que, para Chomsky, produziu uma sociedade em que os ricos ficam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres, sempre a partir desta engrenagem que garante estes resultados. A exemplo demonstrativo, Chomsky destaca o lugar dos impostos, em que estes são destinados majoritariamente aos mais pobres, que, neste sentido, indiretamente financiam a desigualdade social e a concentração de renda.

Abordando sobre o Estado neoliberal, o autor destaca que este quadro intencionalmente produzido, de tensões e sufocamentos, é apresentado pelo neoliberalismo como uma alternativa para o indivíduo confiar em si mesmo e não no Estado, quanto na verdade, a raiz do problema está na política corporativista deste, produzindo e vendendo uma ideia de “meritocracia”, que na prática coloca cochos contra velocistas recordistas para competirem na mesma pista.

Diante deste quadro de análises, Chomsky faz uma brilhante conclusão, de esperança, apontando uma saída. Para o autor, esta classe mais baixa e oprimida da sociedade é na verdade o coração das mudanças, por ser a esmagadora maioria. Desta feita, tudo que conquistamos positivamente em termos de sociedade se deve a muito sangue derramado dessa classe da sociedade, de pessoas desconhecidas, cujos nomes não estão escritos nas Histórias oficiais. Neste sentido, a saída para este grave problema está na luta de classes, no ativismo, que, para o autor, é o motor da História. Chomsky acredita que as coisas mudam se a sociedade se levantar.

Nos limites de uma resenha, concluo esse texto o assinando e recomendando essa belíssima obra, que nos traz conexões com todas as sociedades capitalistas que se identificam com esses problemas. Considerando que a análise de Chomsky se recorta para os Estados Unidos, consideramos uma análise a nível global das mazelas que o capitalismo e o neoliberalismo produzem nas sociedades e contra as classes mais pobres e desvalidas.